



Diante do sinal vermelho, que contemplou abstraído como alguém sob uma curta hipnose, decidiu (e ao mesmo tempo imaginou as perguntas: *Como assim? Você enlouqueceu?*) abdicar de sua vida sexual. A ideia bateu opaca, sem ênfase, quase já um fato consumado à frente, como o brilho fixo do semáforo de pedestres, bonequinho imóvel: *abdicar*. No cansaço – não exatamente cansaço, esta coisa menor, localizável, passageira, ele pensou; é diferente agora, uma espécie de completo esgotamento – e mais o limbo da manhã, nesta névoa mental em que o dia pode se transformar em qualquer coisa, acrescido de uma vastíssima informação privilegiada (e ele imaginou o processo que se seguiria, a imagem de sua mulher fundindo-se com a de um executivo sênior com uma pilha de pastas à frente, *a decisão foi tomada com base em uma informação privilegiada a que nenhum dos outros acionistas teve acesso – o que o senhor tem a dizer a respeito? A sua prova é escancaradamente ilegal*).

O sinal vermelho em que ele fixava os olhos foi subitamente cortado por um ônibus trepidante que deixava para trás um passageiro irritado e esbaforido, incapaz de chegar ao ponto a tempo, e em seguida ele viu o bonequinho verde iluminar-se autorizando-o a atravessar a rua em meio a uma pequena e desencontrada avalanche de pessoas com pressa que evitavam tocar umas nas outras em sutis contorções e micromudanças de rota, um breve caos cuidadosamente desenhado – e como todos os dias ele imaginou o conjunto de linhas dali resultante, lápis sobre papel, a ordem do caos. Algum sentido a extrair daquilo? Antes de chegar ao outro lado da rua, calculou a distância e espichou o passo de modo a completar os dezenove passos regulamentares de todas as manhãs, o prazer do número primo, e prosseguir até o escritório. *Eu estou imerso na vulgaridade*, ele pensou, uma frase que décadas atrás ele ouviu do pai, e que agora caía do nada sobre a sua cabeça, do mesmo modo que a

decisão que lhe ocorrera há dois minutos, *abdicar da vida sexual*, e isso tinha a ver – e ele parou diante da banca de jornal, fixando a notícia avulsa com o olhar sonâmbulo, *Trump derruba a bolsa brasileira* –, isso tinha a ver, ele tateou, ainda em dúvida, lendo várias vezes a mesma notícia, com a *informação privilegiada*, relação que, em vez de levá-lo a rir do absurdo, agora parecia verdadeiramente uma violência ética, *um erro de princípio* que passava a modificar a sua vida inteira por *nada*, e que portanto (como assim, *nada?!*) – mas a cabeça mudou de rumo e ele prosseguiu caminho atravessado pela lembrança inesperada de seu colega recém-formado que, com todo o respeito, um respeito que chegaria ao ridículo se não fosse ingenuamente sincero, consultou-o dois dias antes, puxando a cadeira de rodinhas para perto dele: *Por favor, dr. Otávio, me diga: o Trump, tecnicamente, é de direita ou de esquerda?* Diante do silêncio dele (um silêncio ruminante, ele explicou depois, porque a pergunta era *aguda*, ele disse, de Trump tudo se espera, e alguém riu), o menino reforçou, *quero dizer, desculpe, estritamente do ponto de vista econômico, é claro*. Mas a cabeça voltou para trás, ainda imaginando o próprio vulto à espera no sinal vermelho, alguma coisa tinha ficado lá, um fotograma que se atrasa – *abdicar da vida sexual* – e, numa sequência de pequenas equações mentais (como ele gostava de dizer, eu sou uma cadeia de equações mentais), sentiu uma epifania de liberdade, um surto misteriosamente feliz. *Fui banhado de liberdade*, ele se imaginou contando a alguém, alegre, quase com euforia. Mas de onde vinha este sentimento de liberdade? Uma porta que se abre – enfim livre! – ou um peso que se tira das costas (um *estou livre* mais discreto, mais um simples alívio passageiro que uma autêntica liberdade)? A sensação, entretanto, era boa – uma variável a menos a ponderar, o que simplifica as coisas. No caso dele, as mulheres, e de novo a epifania lhe voltou: *eu não vou mais precisar delas*.

Mas ainda não havia respondido à pergunta, de onde vinha o sentimento de liberdade, e ele virou a esquina de sempre,

Bellberg Jewels & Watches, detendo-se numa vitrine blindada de objetos de ouro, a cabeça procurando uma saída, *já fui melhor em quebra-cabeças*, como gostava de dizer – a liberdade da cabeça e a liberdade do corpo, de qual delas se trata? Não existe liberdade da cabeça, ele diria à Rachel – somos escravos perpétuos dela. É unicamente o sentimento físico que importa, que desde sempre importou, a liberdade do corpo, o direito de correr, ou, para ser mais preciso, de fugir, e – os olhos fixos num colar de ouro que era uma obra-prima de filigranas, um colar ao mesmo tempo magnífico e discreto repousando sobre um torso de gesso, a plaqueta do preço dizendo *consulte-nos* – reviu-se nu na cama com Rachel (mas há quantos meses foi isso?) depois de um denso e prolongado e silencioso jogo de toques (falavam pouco durante o sexo, e isso agora lhe surgiu à cabeça como uma surpreendente novidade, uma atividade clandestina movida a sussurros) – ele gostava muito de abraçá-la no ato, *envolvê-la*, essa a ideia, a penetração deve sempre conter a ideia de *envolvimento*, uma *fusão poética*, ele arriscou a expressão (que lhe veio com o rosto de Débora e seu livro de poesias), que apagou em seguida, *não há espírito kitsch na matemática, uma arte intrinsecamente sem afetação*, até o orgasmo que se tenta prolongar ao último limite, mas que vai sempre rapidamente evaporando-se no vazio. O vazio: era preciso preenchê-lo, foi o que ele pensou, mas não disse, e Rachel fechou os olhos também sem palavras, e em menos de um minuto dormia um sono pesado ao seu lado. Um belo rosto: isso é verdade. Talvez seja só isso mesmo – e desviando os olhos do colar para um relógio de pulso de mostrador minimalista, apenas quatro linhas finas representando os números 12, 3, 6, 9 – trinta, ele somou – viu-se dizendo ao colega que em breve relógios seriam como cartolas, ou, *tudo bem*, ele concedeu, como pulseiras esquisitas, excrescências sem função ou *índice brega de emergente*, como um estagiário acrescentou com uma risada que caiu num vazio, porque eles todos viviam profissionalmente num ninho de novos-ricos, esse era *o espírito da coisa, e eu poderia ter um futuro*

*tão bom na vida acadêmica* depois de sua fracassada tese de quase doutorado, *Os funcionários da Coroa*, que abria com uma longa introdução sobre as variáveis culturais das populações como fator relevante de eficácia das políticas econômicas, a classificação tripartite do espírito das nações entre individualismo estatal (América Latina), tradição comunitária (países nórdicos) e obediência atávica (Oriente), divisão submetida a um massacre humilhante e torturante da banca, e num momento ele esqueceu das mulheres e se concentrou na sua demissão próxima, *Você é um simples dinossauro ou um complexo cleptossauero?*, alguém perguntou rindo e ele não chegou a se ofender, de tanto que a coisa estava disseminada, falta um Cristo para dar aos ladrões o que é dos ladrões e aos honestos o que é dos honestos. *Disso depende nosso futuro!*, não tanto por uma eventual preocupação, e mais propriamente pelo sentimento do cálculo acertado, *serei demitido em breve: se estivesse no lugar deles, também me demitiria nesta circunstância*, o luxo descartável, o analista da conjuntura, como se o desastre consumado precisasse de analista. Sem ansiedade ou medo, *se me chutarem, vou viver do meu patrimônio*, ele poderia dizer com um toque de arrogância, o que é surpreendente para alguém de sua idade, tão jovem aos cinquenta e quatro anos, ele mesmo se disse, num sopro de autoestima que tentou respirar no peito apertado. Não vou precisar do dinheiro da Rachel, que vem jorrando de sua banca de augustos advogados, agora avançando no ninho dos delatores. *Não se iludam*, alguém disse; *esse dinheiro é nosso*. A ideia de *vulgaridade* – ele retomou este outro fio que há pouco caíra sobre sua cabeça – reapareceu com a lógica avulsa de um número primo, e ele continuou olhando a vitrine, resistindo aos cinquenta e três passos que faltavam para levá-lo ao prédio de todos os dias, se não esbarrasse em ninguém. *Rachel, eu tenho uma informação privilegiada. O método parece vulgar, reconheço, mas é juridicamente defensável, para falar sua linguagem. Você deixou aquilo ali.*

O que os seus filhos vão dizer? Era uma monótona divisão

freudiana, um caso de cartilha (e de partilha, em breve, certamente) – Lucila me defendendo, Daniel defendendo a mãe, se fosse o caso de uma, digamos, guerra, o que muito provavelmente não vai acontecer, porque Rachel, assim como ele, ama demais o conforto para entregar-se ao prazer incerto da vingança; mas, mesmo assim, os filhos cerrarão os dentes (Daniel mais do que Lucila, é bem provável), eles nunca precisam de muito estímulo para cerrar os dentes em questões de família, em família estamos sempre na caverna, tacape, pelos eriçados, grunhidos e carne crua – a essa altura da vida (*Pai, eu acho engraçado quando você diz “a essa altura da vida”*, disse-lhe o filho há dois anos, antes da Grande Virada da Adolescência, quando ele ainda era capaz do humor, *como se a vida fosse uma escada*, e instantânea veio-lhe a imagem torcida do DNA, *ácido desoxirribonucleico*, ele balbuciou, um brinquedo verbal, e olhou para o lado, discreto, alguém viu que estou ficando louco?, e sorriu sozinho), a essa altura tudo é tão absurdamente previsível, um algoritmo de cartas marcadas, como todos os algoritmos, que ele poderia antecipar cada frase ao telefone, cada bufada, cada irritação, cada mão estendida, cada suspiro e cada simulação de tédio ou desistência. O único mistério prosseguia sendo Rachel, a das piadas bíblicas – *Labão, você nem precisou trabalhar sete anos para casar comigo, como seria justo*, e eles então riram, no tempo em que sorriam.

Decidiu tomar um café antes de enfrentar a provável demissão – um dia todo de desacertos, nenhum passo em linha reta, e entrou na galeria (um desvio que o deixou momentaneamente ansioso), os olhos acompanhando a curva da vitrine joia a joia – belíssimas peças, e imaginou-se atrás do balcão vendendo delicadas pulseiras de ouro – duas ou três vendas por semana e o mês estaria ganho. As mãos estendidas e ele, gentil e cuidadoso, apertando o fecho das peças em torno dos pulsos que se ofereciam discretamente perfumados, *Que peça linda*, elas diriam, manequins de si mesmas, movendo o braço em câmara lenta, e ele concordaria com um prazer tranquilo de

proprietário. Teria de manter as unhas sempre bem cuidadas.

— Ácido desoxirribonucleico.

— Como?

— Perdão. Um expresso, por favor.

Fantasia subalternas, estou cheio delas, ele pensou, que retornam – são os meus fantasmas companheiros, meu retorno à infância, o afeto que se perdeu, e enquanto esperava o café tentou reorganizar os passos desde o momento em que atravessou a rua. 1. Informação privilegiada. 2. Abdicar da vida sexual. O balcão ao lado oferecia um combo de sanduíche com refrigerante mais fritas a preços módicos, e ele fitou o cartaz gigantesco, a nitidez absurda de grãos de gergelim e de um queijo escorrendo, enquanto acrescentava o terceiro item, 3. Estou imerso na vulgaridade. Uma coisa de cada vez.

Só há uma coisa pior do que ler o e-mail da esposa, o menino disse, inadvertido, recém-chegado à seita do vigésimo andar, *os analistas* – é ter caso com a secretária!, e deu uma risada solta que se esparramou num deserto de silêncio diante do presidente, que, como todos ali sabiam desde sempre, tinha um caso com a secretária, a qual, ao seu lado, exatamente com a mesma face de sempre, as bochechinhas rosadas, os oclinhos de finos aros pretos, o cabelo à Cleópatra, o conjunto inteiro de acordo com o figurino, taxa de cem por cento de previsibilidade, se fosse um título do Tesouro seria o equivalente à renda fixa referenciada – uma delicadeza de colegial já um tantinho adulta (Otávio sonhou uma vez com ela, mas era um sonho curiosamente apenas *argumentativo*, e tentou se lembrar agora sobre o que conversavam, mas tudo lhe escapara assim que acordou), ergueu o lápis como uma guia de grupo turístico e disse *Por aqui, senhores!*, como se ninguém soubesse o caminho da sala de reuniões da presidência. Faltou o *senhoras*, cochichou-lhe a Débora com um sorriso, *vou processá-la por assédio moral*, quando todos voltaram a falar alto ao mesmo tempo para esconder o constrangimento na algaravia. A imagem de Débora, sempre de preto, parecia persegui-lo nos últimos dias. *Estou me distraíndo de novo*. Abdicar da vida sexual, eis o plano, e no mesmo instante passaram por ele duas moças altas, nítidas e semelhantes como comissárias de bordo, ele imaginou, deixando um rastro sutil de perfume (que era um dos seus pontos fracos, ele assinalou numa prancheta imaginária, o perigo do perfume, Rachel sempre dormia com um halo de perfume), e calculou imediatamente que eram recepcionistas de algum evento à espera de entrar em cena, em breve estariam em algum salão do prédio sorrindo e distribuindo crachás ou então – mas voltou ao ponto, numa certa aflição de chegar à definição exata, *abdicar voluntariamente*, porque afinal a sexualidade é um cavalo



selvagem. Um ato de vontade, como o dos monges medievais, mas o paralelo o incomodou – não é isso. Nenhum papa, nenhum Deus acima de mim, pelo menos nesta escolha. Um ato *pessoal* de vontade, um gesto do indivíduo, não a subserviência a uma corporação moral, filosófica, política ou religiosa. Uma *escolha*, esse teorema difícil – e daí – os funcionários sentiam um certo prazer em bater com estridência metálica duas ou três vezes os cabos do café expresso e recolocá-los na máquina em torções exatas e barulhentas, como generais de uma estação de trem engatando vagões com estardalhaço – e justamente daí a sensação inefável de liberdade. Haverá uma certa graça, ele previu – livrar-se de um só golpe de toda a incomensurável aporrinhção do amor. Ele temeu sofrer um ataque de riso nervoso enquanto o café não chegava e tossiu três vezes, caçando um farelo imaginário na garganta. A *tirania* do amor talvez fosse uma palavra mais exata. O que o levou, por um caminho torto, à ideia de obediência, o que, por sua vez, lhe trouxe instantaneamente de volta, como uma pancada na cabeça, o fracasso de sua tese, um fato que em definitivo mudou sua vida. *Você poderia ter tido uma belíssima carreira acadêmica*, disse-lhe Rachel, poucos anos depois, já mastigada pelo tédio (*agora* aquela observação gratuita, que no momento o chocou como uma pedrada, fez sentido – a corrosão começava ali); o inexplicável tom ofensivo de acusação. Baseado em quê, perguntou-lhe o velho, você decidiu que a China representa a... e ele botou os óculos e folheou rapidamente o calhamaço com gestos desleixados de desprezo até chegar ao trecho, a China representa a “obediência atávica”, e, por exemplo – ele catou mais uma linha do texto –, a Noruega (e o velho levantou a cabeça para a plateia rala, a curta demagogia que o amparava), a Noruega branca, loira e de olhos azuis é – ele voltou ao papel, como se já não soubesse o que ia dizer – é a “tradição comunitária”? Por que não o contrário?! *Bem, os cinco mil anos de mandarinato devem ter criado algum substrato cultural específico*, ele pensou em replicar, mas se conteve: não era o momento, e

alguma coisa nele já desistia ali. O velho não parava de argumentar, azedo e agudo, *O individualismo de Estado, para as culturas luso-hispânicas em geral, é uma categoria conceitual que ainda teria alguma sobrevida teórica, mas. O problema*, disse-lhe o orientador ao pé do ouvido, praticamente despachando-o, enquanto os outros membros da banca o massacravam, *é que eu não tive tempo de ler os dois últimos capítulos antes da defesa, ou teria transferido a data. Você vai ter de reescrever isso. Eles não vão aceitar a tua retórica.* A estaca definitiva no peito foi o conceito de que *o estamento do funcionalismo público brasileiro, blindado por fortalezas corporativas que unem do gari municipal ao procurador federal, representa a verdadeira classe dominante do país*, uma ideia que lhe pareceu tão clara, cristalina, indiscutível, apenas um fato, o sistemático acesso, desde os tempos arcaicos da Coroa até a instauração também arcaica da Nova República, a todas as pequenas, médias e grandes benesses cotidianas do estado seletivo de bem-estar social, dos generosos quinquênios, adicionais, complementações, auxílios e ganhos judiciais em cascata e retroativos, às aposentadorias especiais mais generosas ainda, num nível de privilégios completamente vedado ao resto da população – esse, essa, esse “conceito”, ou essa “tese”, o velho sacudia o calhamaço, furioso, esta *despolitização* da realidade, esta *descontextualização genérica*, é a maior estupidez teórica que eu já ouvi. De qualquer forma, o convite da Price & Savings estava na porta, aliás escancarada – não é qualquer dia que o mercado encontra um *ativo humano*, um verdadeiro *dealer*, como lhe disse Rachel sorrindo, com a sua competência. Nada a reclamar. Ótimas comissões. Os professorinhos todos fazendo uma greve atrás da outra, do que eu me livreii – ou então inventando *a nova matriz econômica* – e ele num apartamento de duzentos e noventa metros quadrados (não é tanto; é apenas razoável; nenhuma cobertura em Ipanema ou um tríplice nos Jardins; nenhum heliporto no topo; apenas uma vista discreta para uma rua descansada com algumas árvores e duas vagas na garagem; houve um tempo passado em que preferi o dinheiro ao

patrimônio, a liquidez à solidez, e essa imagem lhe bateu como uma revelação zen espatifada no espelho em frente), apartamento por onde seus filhos sempre correram felizes, até que alguma formatação – seria essa a palavra exata? – e ele ficou olhando para o café expresso curto (ele queria o longo, mas esquecera de pedir) que o funcionário colocou na sua frente –, ou algum destino, essa palavra curinga, foi deixando-os infelizes, todos da mesma maneira. Todos parecidos, as reações matematicamente previsíveis – ele sempre sabia com antecedência cada palavra que seria dita, no café da manhã, na academia de ginástica, levando o filho à escola, à espera do táxi, na rara fila do cinema, na notícia da internet. Situação X, palavra Y. Situação  $X+2m$ , reação  $Y-3n$ . Dava para fazer um gráfico perfeito – houve uma época, no entusiasmo juvenil, em que ele tentou. Pessoas irritadiças? O chavão diz que números são mais precisos que palavras, mas números não servem para nada, palavras sim, as palavras criam realidades, e no mesmo instante observou-se: estou me *desfazendo*, e isso não é bom. A obrigação de um ser vivo é prosseguir um ser vivo, e ele enfim sorriu, *vamos em frente que atrás vem gente*, olhando a xicrinha com aquele café concentrado de fina espuma e sabor amargo, que ele levava aos lábios até interromper o gesto com o gelo da lembrança. *Augusto, meu anjo. O meu marido é um ser abstrato. Mas falamos disso à noite. Achei soberba a contestação que você escreveu à sentença do idiota daquele juizinho – já conversamos. Você desce?* Ele contemplou abstraído o café esfriando como um leitor de desígnios. É preciso pensar uma coisa de cada vez.

Primeiro: a paixão *descuida*, e ele saboreou a ideia, que lhe pareceu boa, ou *correspondente à realidade*, sejamos exatos, e deu enfim um gole do café. Uma advogada consistente e competente como Rachel, perfeitamente firme nos seus quarenta e tantos anos de idade (também com cabelos à Cleópatra, de um ano para cá, ele percebe num repente), numa sucessão crescente (em ordem geométrica) de *erros* (sem julgamento; aqui se trata de um termo meramente técnico), 1. apaixonar-se; 2. por um colega de

trabalho; 3. escreve e-mails pessoais revelando a paixão; 4. usa o notebook profissional para escrever suas mensagens; 5. mantém a correspondência na máquina, e, por fim, o *touch down* definitivo; 6. leva o aparelho para a casa e deixa-o, *aberto*, na mesa da sala, um detalhe sobressalente que –

— Idiota.

Reviu o próprio rosto entrecortado no espelho do café, meio rosto escondido atrás da desdentada placa de preços, números falhando: como não pensou nisso? Aquilo foi deixado ali *para ele ver*, e ele tentou se lembrar se havia de fato alguém no escuro do corredor observando-o enquanto ele lia, mas antes de elaborar as conclusões inevitáveis do fato, se verdadeiro, ele se deteve na imagem do espelho, deslocando a clássica orelha de burro que via em si mesmo por não ter percebido antes, para um brasileiríssimo chifre; fosse norueguês, ele poderia ter dito em reforço à sua tese, eu seria um viking feroz, o que prova que culturas diferentes reagem diferentemente etc. Burro e corno, duas palavras que, outrora poderosas e definitivas, hoje perderam completamente a força condenatória. *Estou imerso na vulgaridade*. Mas esse é o terceiro item. Não se antecipe.

Onde está o sexo? Voltou à estaca da abdicação, o ponto zero a partir do qual as pessoas se erguem. O principal: não sentimentalize as coisas – as coisas, em si, são frias e indiferentes. Às vezes é interessante transformar-se numa *coisa*. Não se irrite; apenas calcule, imóvel – e ele sorriu do próprio conselho. Eu já fui bom em conselhos. *Você acha que eu devo aceitar o convite deles e mudar de escritório?*, perguntou-lhe Rachel anos antes, olhando-o firme nos olhos como alguém que precisa interpretar algum segredo invisível – o velho mago, ou o especialista em autoajuda, e eles riam da brincadeira, estava cada vez mais inseguro de seus próprios passos. *Nunca mais vou escrever essas bobagens, nem com pseudônimo. O famoso Kelvin Oliva e seu best-seller A matemática da vida. Ela precisava descobrir o que ele de fato pensava. Outro café! Teria de entrar novamente na fila do caixa, o jovem maquinista explicou, desculpando-se, eu não posso servir sem o tíquete, e ele foi para lá vagamente bovino, recompondo a lembrança, o oitavo da fila, ele contou. Acho que sim, Rachel, você deve aceitar: mais dinheiro, mais prestígio, mais alto (só tribunais superiores) e, o principal, mais perto de casa, e ela riu, feliz – era exatamente o que a jovem e promissora advogada queria ouvir. Mas ainda cabeceou um pouco – precisava de algum apoio à traição ao antigo escritório. É difícil abandonar o Marcos. É que a gente tem toda uma história, nos formamos juntos, mas aquilo era só conversa para boi dormir, colegas de faculdade, o projeto em comum, o sonho do escritório próprio, e de repente.*

— E de repente o tempo passa – ele disse, encerrando o assunto. — Você não vai permanecer o resto da vida lidando com casinhos – ele ia dizer *de porta de cadeia*, mas reprimiu-se. *Aceite. Você é melhor que ele, recebeu uma proposta irrecusável e a vida continua. Você casou comigo, não com o Marcos.* Ela suspirou e sorriu, livre, algemas desatadas. Naquele tempo ela ainda

precisava emocionalmente dele – num momento, ela começou a se afastar, lenta como um balão sem vento. Lembra vagamente do beijo que se seguiu, a mulher que recebe um presente e agradece com o afeto à flor da pele, a entrega, *como nos velhos tempos*, ela poderia dizer, levando-o ao sofá, mas o filho entrou na sala batendo a porta, *cadê o meu tênis?* Aquele pequeno sinal de deferência de Rachel era mesmo deferência ou a busca de um alibi moral? *Ou aquilo, há sete anos, já era uma traição de origem?*, e a ideia inesperada abalou-o de fato, uma variável imprevista: até aqui, trabalhava com o curto prazo da traição, coisa de ontem, de uma ou duas semanas – olharam-se, anteciparam o prazer da transgressão, o tédio transbordante e corrosivo correspondente aos respectivos anos de casados, treparam (aqui ele fechava os olhos, o *princípio da abdicação*, a imagem criada tinha um toque *insuportável*, do qual ele queria escapar – onde os encontros estavam acontecendo?), e aquele nada iria em breve se evaporar no esquecimento. Eu não precisava saber. O universo é curvo, as coisas dão a volta e retornam ao mesmo lugar, e ele sorriu, escapando *em definitivo* da imagem assustadora. Uma informação privilegiada – ou, para falar nos termos dela, uma *prova ilícita*, o que anula o processo inteiro. O palito que você puxa lá na base e o castelo de cartas desaba inteiro, a bala de prata de toda defesa.

Talvez matá-la. A pura ideia ficou alguns segundos diante dele, quase um objeto estranho a ser contemplado com curiosidade, e uma série de métodos lhe veio à cabeça – o veneno, o tiro na testa, a asfixia, o empurrão das alturas, o incêndio criminoso, a terceirização do homicídio, aguardando o telefonema com a confirmação irrecorrível; ou ainda a mão na massa, o desfecho pessoal do porrete, duas, três, quatro vezes, sangue espirrando, a fúria conta pontos a favor, *ele agiu sob violenta emoção*, o que mitiga a culpa nos tribunais –, cenas de um filme, todos os dias milhares de homens matando milhares de mulheres, *Pá! Pum! Morra, filha da puta!* e inapelavelmente esbarrando na dificuldade terrível de dar um fim ao corpo, ou,

pior ainda, a supressão definitiva da memória, que afinal é quem ri por último, por assim dizer, especulou ele.

Não conseguia se ver no momento seguinte, o revólver, ou o porrete, à mão, a mulher morta no tapete – um script ruim, personagem sem consistência, ele diria, comentando o seu filme. Qual a *real* motivação? Contou agora seis pessoas na fila, algum cartão lá na ponta se recusava a ser aceito pela maquininha e um homem indócil revolveia os bolsos para pagar com dinheiro com um esboço de indignação, e ele voltou à *abdicação sexual*, e à pergunta: onde está o sexo, afinal? Na cabeça? na alma? no caralho? na boceta? *Não diga isso*, sussurrou-lhe Rachel uma vez. Pelo menos não *durante* o sexo – pode dizer assim quando estiver furioso, *boceta cabeluda, cadê a porra do documento do carro que estava aqui, caralho?* E eles riram, pelados. E ele sorriu de novo, beatífico, lembrando. Mas, para fazer amor, explicava ela, os narizes se tocando sobre o travesseiro, não se fala assim. É feio. E eles riram de novo. Como é que eu vou matar uma mulher dessas? – e era quase como se ele conversasse com o companheiro da fila, que voltava a andar. Os ecos de uma manifestação de rua, uns *Fora isso!, Fora aquilo!*, chegaram abafados pela galeria, com sons roufenhos e incompreensíveis de altofalantes, gritos de *ãos* e *oras*, e ele se distraiu durante alguns segundos tentando decifrá-los, menos por interesse (tudo bem, me interessa, sim: os juros em queda no governo de passagem, a inflação contida e as consequências diretas para os investidores que confiam na Price & Savings) e mais como um exercício de acuidade auditiva (*depois dos cinquenta*, o médico disse, *é inexorável: a audição cai*, uma expressão que ele tentou imaginar graficamente com a graça de um cartum, a orelha no chão), até que as máquinas de café voltaram a se fazer ouvir, totens fumegantes, e ele apressou-se a reorganizar a cabeça, *sem mortes, por favor*.

O dia das perdas, ele teria de explicar ao filho que, do nada, lhe apareceu na memória, nítido e vingador, um adolescente magro, comprido, incompleto, um braço maior que o outro, fios

desencontrados de barba, *você jamais se preocupou com porra nenhuma nesta casa, nem com a mãe, nem comigo* (previsivelmente, ele omitiu a irmã), *porque a única coisa que preocupa você é você mesmo*. Onde foi parar aquela criança educada e gentil, o menininho de calças curtas que eu levava para brincar no parque?, ele perguntou uma vez a Rachel, e ela resmungou um *hmm* sem tirar os olhos do computador, *sei lá, adolescentes são assim, não esquente a cabeça. E você só levou ele ao parquinho duas vezes na vida. Quem sempre levava ele era a Isaurinha, lembra?* Eu nunca esquento a cabeça: eu apenas calculo, foram três vezes exatas, ele respondeu, querendo fazer graça, mas ela já estava de novo pregada no texto que escrevia, agora balbuciando em voz alta ao mesmo tempo que digitava com a faca nos dentes, *provas robustas de que a argumentação do reclamado é inteiramente falsa e que portanto* – desta vez eu vou acabar com aqueles filhos da puta.

— Você trabalha demais.

— Logo quem está dizendo.

Eu não trabalho demais, ele pensou, contando as cabeças da fila diante dele: três agora, duas inclinadas à esquerda, uma à direita. Eu simplesmente não tenho outro estado físico ou mental na vida – viver é isso que eu faço: contar cabeças, mas não sorriu da ideia que lhe surgira como um escape de humor; *estou perigosamente dispersivo*. Ou *cortar cabeças*, se eu estivesse no lugar da presidência da Price & Savings, à qual nunca cheguei e jamais chegarei. Até esse idiota chegou à presidência da República, como exclamou o novato logo no primeiro dia querendo ser engraçado e desabando no mesmo silêncio constrangido de sempre, ele não se emenda, ao que o Tavares rebateu, *Esse idiota?! Até ela chegou, isso sim foi um milagre, e nós, nada, só pastando aqui!* Agora sim, risadas estrondosas de descarrego, as coisas andavam tensas – o Leritta teria ouvido aquilo, do alto de sua presidência?

Não se distraia. *Qual a prioridade*, eis a questão. A minha mulher ou o meu emprego? Não, está mal formulado. O *episódio*



com Rachel – *Augusto, eu estou meio que enlouquecida e não sei o que fazer da vida, até rimou*, ele leu no notebook, de *rachelzinha1970@gmail.com* para *AugustoOffice*. Ou a perda iminente do emprego? *Vamos conversar a sério amanhã*, disse-lhe o homem, sob o olhar carregado da pequena Cleópatra, o bloquinho na mão já certamente com todos os nomes a serem rifados no projeto de reestruturação completa da Price & Savings, desde que ela se meteu a intermediar propinas e trabalhar com contas secretas. Vai explodir. É uma questão de sobrevivência, alguém sussurrou. *Eu sei de alguma coisa?* – talvez, no futuro, esta se tornasse a pergunta realmente relevante, diante de um eventual juiz. *O bobo da corte. Você é meio bobinho*, disse-lhe Rachel uma vez, *com esse talento para os números*.

— Um expresso. Longo, por favor.

Ele ia dizer *outro*, por favor, como a desculpar-se por entrar duas vezes na fila, mas o caixa era diferente e portanto o *outro* não faria sentido. Eu poderia tomar café de graça no escritório – talvez seja o momento de começar a fazer economia.

Tentou antecipar o que o Leritta lhe diria depois de, ele mesmo, num gesto de cortesia e intimidade, lhe estender a xícara de café, trazida até eles pela jovem Cleópatra. *Você se tornou um pequeno dinossauro, Otavinho.* (Não; isso sou eu que estou dizendo. Ele jamaisalaria assim. E jamais usaria o diminutivo. Meu senso de realidade sempre foi superior ao impulso da autoestima.) *Análise de conjuntura econômica virou uma briga de cachorro grande; não há propriamente intelectuais neste nosso mundo, porque afinal a economia não é nem ciência, nem arte. Na melhor das hipóteses, é faro. E, quase sempre, chute – o Tao do dinheiro.* (Aqui ele vai arriscar um sorriso cordial, pronunciando *Taô*, em busca da solidariedade da vítima de seu humor. Um trocadilho que iria me agradar. Como na semana passada eu comentei Capra e o *Tao da física* – a propósito do quê, mesmo? os átomos do café? – ele vai aproveitar o gancho.) *Sabem-se apenas duas ou três coisas com certeza, os axiomas imortais de Adam Smith, uma pitada de Keynes, vá lá, o Estado dá uma mãozinha de vez em quando, um pouco de Hayek como tempero filosófico e freio de mão, e, quer saber? Não precisa mais que isso.* Isso para me informar que ele era um cidadão letrado, com duas ou três referências de almanaque. Afinal, ele sabe que o Otávio Espinhosa é (o povo cochicha) um gênio. E daí ele chegaria ao próprio terreno, enfim: *Ninguém aqui, nos dois lados do balcão da vida real, pretende reformar o mundo – o negócio é, como sempre, dinheiro.* (Mas ele diria isso? Provavelmente não – ele gosta de frisar a *função social* do mundo do capital. As citações semieruditas sim, desde que eu estivesse ouvindo.) *Você poderia ser transferido para a consultoria do varejo de investimentos, mas isso seria um downgrade inaceitável para alguém com sua qualificação.* (Talvez aqui ele faça um silêncio, avaliando minha reação e maquinando que direção tomar.) *Bem, e para isso já temos estagiários baratinhos* (não; ele jamais diria isso), *todos a digitar nos chats da nossa página ou a falar ao telefone,*

*explicando pacientemente às viúvas por que não é bom negócio deixar dinheiro na poupança e por que títulos de capitalização são uma roubalheira disfarçada; muito melhor aplicar a grana nos fundos geridos pela Price & Savings, que, além de toda a segurança, têm as menores taxas de administração do mercado, e são elas o grande ralo cotidiano do pequeno investidor. Você poderia ser o chefe dos estagiários, ou escraviários, como eles gostam de dizer (isso sim; piada boa é piada velha, já testada e garantida), explicando à gurizada, todas as manhãs, que o último corte dos juros do Copom valoriza crescentemente os títulos de longo prazo. Ao trabalho, garotos – e garotas, não esqueça! Somos uma instituição que respeita a mulher. (Não; nem pensar que ele fizesse essa referência.) O duto são os títulos do Tesouro – é disso que vivemos todos, afinal, para dar sobrevida permanente a um país organicamente quebrado. Explique também que Bolsas funcionam mal em economias soviéticas, que é mais ou menos o caso do Brasil.*

— Seu café, senhor.

O mal da matemática é que ela tem uma compulsão irresistível a *retificar* o mundo, de modo a adaptá-lo à pura e exata abstração da geometria. Transferi o meu talento matemático à apreciação das pessoas – na minha cabeça, Rachel, as pessoas são equações difusas, mal formuladas, e cabe a mim *retificá-las*, devolvê-las ao trilho original. Ela achou graça, depois ficou séria, pensou bem, e disse: É isso mesmo, Otávio. Você quer *retificar* as pessoas, de modo que elas se comportem de acordo com o teorema que você reservou a elas. Ele riu, ela não: *Você já pensou o quanto essa sua... inclinação é autoritária?*

Agora, por exemplo – ele conferiu o café, que veio longo, e sorriu ao atendente – estou *melhorando* o Leritta, dando a ele uma organização mental e uma linguagem e uma intenção e uma gentileza – até um estilo! – que lhe são inacessíveis; ele é uma pessoa funcional, direta e tosca; estou lhe dando a pauta, grátis, de como ele deve me demitir, dizendo as coisas certas, justas, civilizadas. Talvez esteja um tantinho irônico, mas é uma ironia bem-humorada, não ressentida. A ironia da inteligência, não a da

estupidez. E eu estou assim não porque seja uma pessoa boa, mas porque, basicamente, estou escorado na segurança material, o que muda tudo. (Na verdade, melhorando-o, eu melhora a mim mesmo.) O resíduo de mal-estar é apenas o... ele resistia a aceitar a palavra, sem conseguir encaixá-la em si mesmo, o *orgulho*, ferido por ser descartado. Um dia que amanheceu concentrando em poucas horas, com toda a força, a sua *queda*, o duplo descarte, a mulher e o emprego, e mais ainda, *necessariamente*, é uma represa desatada – os filhos, a rotina, a estabilidade, o  $2 + 2 = 4$  que agora estão virando pó. O desconforto da mudança, de um recomeço – mas isso era apenas um deslocamento para não pensar no principal, a mulher que havia deixado uma mensagem de rompimento na forma de um computador aberto diante dele. *Veja, idiota. A única maneira que encontrei para você prestar atenção em mim.* Uma noite de presságios, de sonhos em pedaços, Rachel dizendo alguma coisa na praia e ele não conseguia ouvir por causa do barulho ensurdecedor das ondas. Acordou de madrugada e circulou pela casa em penumbra, quase despencando no degrau da sala, por que deixar esse degrau aqui?, ele reclamou na última reforma; porque o desnível dá um tchan especial, ela disse. Ali estava sobre a mesinha o notebook aberto, e ele pensou em fechá-lo, mas sentiu o calor da peça e ao tocar nele a tela iluminou-se, *Querido Augusto, não consigo dormir.*

Pensou ouvir o *plim* de uma mensagem nova, mas era o celular do vizinho de balcão, uma bela gravata vermelha sobre a barriga e um sorriso feliz diante da mensagem que acabava de receber – chegou a olhar para os lados, atrás de alguém com quem partilhar a boa notícia, mas voltou ao seu café com pão de queijo, ainda sorrindo, a cabeça balançando, *que maravilha*, ele deve estar pensando diante do que leu. Já no celular dele, que conferiu por um reflexo condicionado, não havia nada de novo – apenas a mensagem do presidente, ainda de ontem à noite, *Td bem? Preciso falar em particular com vc às 10 é importante. Leritta.* Começaria com o tapinha revelador nas costas. *Somos velhos*

*amigos. Mas...* Mas a diretoria foi implacável: enxugar. Tentou calcular quanto teria de Fundo de Garantia para as despesas genéricas da mudança próxima de vida, o dinheiro que o governo carcomia mês a mês sob índices criminosos de reajuste de modo a fabricar moeda e cobrir o eterno rombo – nunca falar assim nos relatórios, é preciso *inteligência emocional*, alguém lhe disse há alguns anos, *sem inteligência emocional você não chega a lugar nenhum*, e ele sorriu, eu que disse isso a ele, como ironia, e um mês depois ele repetiu para mim, a sério, como se a ideia fosse dele. Como era mesmo o nome? Fábio, Flávio. Ao seu lado, o homem da gravata vermelha continuava com o sorriso santificado no rosto – o que teria sido a mensagem? Uma promoção? Um dinheiro extra? Nasceu um netinho? Algo extraordinariamente importante – o homem mastigou o último pão de queijo sentindo um sabor especial, era visível o sentimento de felicidade no rosto, deu um último gole de café com leite e, antes de largar o balcão e voltar ao mundo para começar o dia (quarenta e cinco anos de idade, terno discreto e bem cortado, relógio cebolão, óculos baratos, camisa branca destoante, estufadinha no umbigo, e ele tentou calcular emprego e salário, sem concluir), olhou Otávio nos olhos e fez um breve movimento de despedida com a cabeça, como duas pessoas simpáticas que se conhecem de vista, a gentileza civilizada, o homem queria partilhar sua breve alegria, a que ele correspondeu quase com efusão, enfim um semelhante.

— O Fed vai aumentar os juros – ele escutou alguém dizer, ou imaginou que era isso que ouvia de uma roda de jovens executivos animados, e voltou ao café, mentalmente começando a redigir o relatório da manhã diante do painel de indicadores, como se nada estivesse acontecendo. No Brasil, são quarenta e um mil postos de trabalho a menos neste mês, a subtração entre demissões e admissões de carteira assinada, ele se lembrou dos dados da tarde anterior – até o fim do dia, provavelmente serão 41 001, e sorriu, olhando o café que esfriava. Estou imerso na ironia, e testou mentalmente a frase. Estou imerso na

vulgaridade, a clássica frase de seu pai que jamais saía de sua cabeça, como uma carteira de identidade. Qual a melhor? – e deu um gole de café, inquieto com o que lhe parecia *um fio solto*. Uma vez disse a Rachel: sabe a sensação de quem vive com um fio solto em torno? Você precisa puxar aquele fio, tirá-lo da frente dos olhos, arrancá-lo da vida – o mundo inteiro acertado como um relógio, e no entanto aquele fio solto nos provocando. Tinha a ver com a ideia de Deus, que discutiu (o que foi incrivelmente incomum, *eu me entusiasmei*, ele justificou depois) com um casal de amigos advogados num jantar: sou, racionalmente, um ateu; mas a ideia de Deus me agrada como um *fechamento* teórico do mundo; alguém que elimina o *fio solto* das coisas. Aquele *fio solto* virou um mote entre eles. E hoje, Otávio? Você está com o fio solto? Deu mais um gole de café para disfarçar o sorriso que veio da lembrança.

Devolveu a xícara ao balcão, depois de contemplá-la com o olhar vazio, e pensou absurdamente em entrar pela terceira vez na fila do café, moto contínuo, peça de um relógio artesanal – mas para que fizesse sentido, era preciso descobrir alguma constante no número de pessoas enfileiradas diante do caixa e pessoas subsequentes enfileiradas no balcão, numa ordenação de substituições sob o fator – e pensou por um segundo em algum fator viável em looping, números pares, dez, oito, seis, quatro, dois, quatro, seis, oito, dez, uma breve cena de teatro sob um trecho engraçado de violinos, maquinistas de café expresso em gestos compassados e concerto de xicrinhas sobre o granito do balcão, *andante vivace*, enquanto cai a cortina à espera do segundo ato, e ele olhou para a boca da galeria: voltar à rua, de onde parecia vir com a claridade um reflexo difuso de bandeiras vermelhas, a gritaria já mais distante. Meu filho estará ali?, perguntou-se, calculando a possibilidade da coincidência, esbarrar com ele gritando em coro *Abaixo!* – o quê, desta vez? Abaixo o pai, com certeza. Em algum momento, como acontece sempre – ele pensou na divisão infinitesimal do tempo, o paradoxo paralisante de Zenão, sempre é possível dividir o tempo e o espaço em outra metade, e assim sucessivamente, de maneira que jamais *avancamos* de fato, estamos sempre no limiar; quando tudo indica a passagem, uma nova metade se impõe – a relação entre eles se esgarçou, para nunca mais. Não exatamente: uma vez que o universo é curvo como a pista de Indianápolis, daqui a trinta anos, se sobreviverem (o que é estatisticamente provável, seguindo a curva de variáveis múltiplas), pai e filho voltarão a se aproximar, mas serão pessoas muito diferentes, astronautas de naves que viajam em diferentes medidas de tempo e espaço, e, no retorno, nada mais será semelhante. De modo que, sim, tal como foi, a separação é para nunca mais. *Como você se sente dando a alma para este sistema*

*corrupto?* – isso ele ouviu há poucos meses, nos dezessete anos do filho, preparando-se para o vestibular de jornalismo. *Não fale assim com o seu pai*, disse-lhe Rachel, sem levantar os olhos do celular, grau de convicção próximo de zero. O menino calou-se – havia um resquício de humor provocativo na pergunta, o que ele percebeu, um tom quase amigável que ainda disfarçava o desejo de agredir. Talvez um pedido de contato, *alô papai, você ainda está aí?* O velho *papai* foi dando lugar ao simplesmente *velho*, ou ao mecânico *pai*, e depois, rapidamente, a mais nada, apenas uma ausência fria. Mas talvez eu esteja sentimentalizando a mim mesmo, por momentânea fragilidade; não sou eu exatamente; é apenas a minha alma, um sopro em busca de um escape, e em momentos assim os sentimentos são cobertores quentinhos. Depois deste café, a demissão, e, muito além disso, o coração deste dia arrastado que ainda não começou, *Rachel*.

Enfrentá-la. Não a ela, mas, como se diz, a *relação*. Retome os cálculos com frieza, Otávio – e afaste-se do balcão, *que atrás vem gente*, e ele sorriu para os três executivos algo indóceis com tíquetes na mão lutando por meio metro de granito daquele *latifúndio*, a palavra veio-lhe de um passado longínquo, uma música da infância: é o que me cabe deste latifúndio, dizia algum poema antigo, *do meu tempo*, como se costuma dizer, supondo-se que nós carregamos o tempo conosco, e não o contrário. Otávio, você está sentimentalizando de novo: concentre-se.

Nasci no dia 4 de julho de 1963, uma quinta-feira – isso quer dizer especialmente alguma coisa? *Sim*, disse Rachel. *Diz que você é do signo de Câncer, isto é, uma pessoa simpática, imaginativa, mas bastante cautelosa, não? E tenaz, já que é do segundo decanato*. Naturalmente, isso se encaixa a qualquer pessoa em algum momento do dia, mas o espírito do horóscopo é esse mesmo, um projeto milenar ecumênico, ele estava para rebater, avaliando entretanto que seria sinal de pouca inteligência emocional desfazê-la já nas primeiras frases, mas a própria Rachel se encarregou de complementar seu oráculo, quase com as mesmas palavras dele: *Bem, isso serve para todo mundo, não? Mas é sempre*



*um bom começo de conversa.* E então ele riu, acompanhando o sorriso maroto dela, verdadeiramente alegre pelo encontro fortuito: haveria um presságio naquela coincidência – as tais almas gêmeas? O que provocou um ligeiro desconforto ao lembrar agora – por alguma lei matemática que ele mesmo formulou, preferia as *almas díspares*, máquinas compensatórias de faltas, excessos e vazios, encaixe de quebra-cabeças, macho e fêmea (imagem que ele, já naquele longínquo dezembro de 1994 em que se conheceram, descartaria no mesmo instante como algo culturalmente *antinatural*, sopesando agora as consequências deste paradoxo). Nem horóscopo, nem nada – o que atraiu mesmo foi o perfume, que lhe pareceu, numa medida infinitesimal, mas mesmo assim perceptível, *perfeito*. Teria sido ele a caça?

— Vejam no gráfico – dizia o conferencista em pé diante da imagem projetada também sobre ele, que se movia de um lado a outro como um fotograma à solta, apontando para uma sucessão de prédios coloridos de alturas diferentes – que a inflação anual, na faixa dos 900%, é um desafio inacreditável para o Banco Central, mesmo considerando a queda diante da inflação de, vejam aqui, 2477% do ano passado, e ele espichou o olho para o bloquinho de anotações de Rachel, que era confuso, entremeado de desenhinhos geométricos sem função, com preponderância de triângulos; claramente uma estudante entediada fazendo estágio, o crachá no peito. *Você também é economista?*, ele lembra nitidamente de ter perguntado, mas um *fio solto* o levava agora a buscar a origem daquela estranha confissão de nascimento, a data da independência americana, a primeira coisa que Rachel ouviu dele, mas a referência se perdeu – o conferencista havia dito algo a respeito da independência americana e ele aproveitou o detalhe ridículo para, por força de um perfume, romper a sua timidez. — Vejamos, agora, as âncoras possíveis do Plano Real – dizia o homem no palco, e um novo gráfico colorido apareceu na tela.

Sou advogada, ela disse, subitamente séria, com uma espécie

de dureza de um ator que assume um papel que ainda não sabe de cor, mas pressente sua relevância, o que logo se desfez num sorriso defensivo: *Quer dizer, quase. Estou fazendo este curso porque é uma área de que sei muito pouco, mas é cada vez mais importante, o Direito Econômico.* E ele pensou em perguntar (mas a timidez, dessa vez, foi mais forte), *Você não quer aulas particulares de economia?*, uma ideia que lhe pareceu boa, também do ponto de vista *técnico*, um modo de ele organizar a própria cabeça diante da nova situação econômica e política brasileira, e ele sorriu com a lembrança, seria uma proposta rigorosamente *honestas* – o conferencista que estavam ouvindo era fraco, confuso, redundante e sem foco, Você precisa ter foco, ele disse ao filho há dois anos, como quem oferece a lâmpada de Aladim, e Daniel respondeu agressivo, *Que porra de foco é esse? A vida não cabe em focos*, um pirralho escrevendo poemas e batendo as portas por onde passa. Neste exato momento – ainda se ouvia o eco na boca da galeria – está na rua gritando furiosamente palavras de ordem e sacudindo uma bandeira vermelha. *Meu filho é um chavão*, ele disse a Rachel, e, olhando para trás, era como se ele já existisse naquele auditório, vinte e três anos antes. *Cuide dele; é o que você tem*, ela disse com uma inesperada rudeza no tom, já como quem se exclui do conjunto (o que lhe ocorreu apenas agora). Em vez de oferecer aulas de economia à jovem perfumada, começou imediatamente a *trabalhar*, digamos assim, aos cochichos, e na breve atmosfera da proximidade, terceira fila, cadeiras 16, ele, e 17, ela, o perfume de Rachel, braços se tocando involuntários, parecia respirar: *O problema é que ele é um homem do governo, e o governo no Brasil é tradicionalmente mau conselheiro.* Ela não sorriu; esperava a continuação da aula para decidir se Otávio valia a pena ou não, e, preventivo, o perfume se afastou alguns centímetros à espera da conclusão. *A questão principal é: recriada a moeda brasileira, como podemos escapar do clássico voo de galinha, porque ainda não há lastro em parte alguma; nem na poupança interna, que é zero, nem na qualificação educacional, que é ruim e tende a piorar, nem no equilíbrio fiscal, que*

*é uma perpétua bomba-relógio, nem...* Não, eu não falei nada com essa nitidez profética; sempre fui um oráculo inseguro, o *medo de errar* dos conservadores, como o acusou o velho Domício de nariz judeu, seu pai, que ia à falência quase todo ano e morreu miserável na cadeia; isso eu digo agora, quando a vaca já está indo ou já foi espetacularmente para o brejo. Mas eu disse algo parecido, com a cautela de sempre, e Rachel surpreendeu-se com o que ouvia – enfim, uma ovelha negra naquele rebanho de crachá, e o perfume reaproximou-se, interessadíssimo. Uma paixão, ou um fetiche – entrar e ficar naquela redoma invisível do perfume: a mulher mais bonita que ele jamais teria, e ele sentiu um choque agressivo pela lembrança, a incrível nitidez da lembrança, como uma volta real do tempo diante dele, a pressão no peito, a ansiedade difusa, e alguém esbarrou nele, um cidadão inútil e imóvel no meio de uma galeria agitada, *Desculpe*. Talvez voltar para casa: não ir ao encontro da figurinha medíocre que vai demiti-lo. Não aparecer mais lá, e ele se virou, no reflexo de um novo cafezinho, *o desejo de estacionar no tempo*, e voltou-lhe a imagem luminosa de Rachel: Então você acha que o Plano Real vai afundar?, e ele rebateu imediatamente, não não não – do ponto de vista técnico, ele é perfeito; o problema é o entorno político que dê sustentação, sobretudo o equilíbrio fiscal. *No Brasil, todo mundo fabrica dinheiro*: ele lembrou a frase que fez Rachel sorrir. *Depois você me explica isso direito*, ela pediu, *eu também quero ter uma maquininha dessas em casa*, e ele disse *claro, claro!* Havia uma outra alegria sobreposta, ainda que mesquinha: a ausência de Teresa – que ótimo que, mais uma vez, ao seu estilo blasé de *hiperautovalorização*, como ele uma vez brincou, ela não chegou a tempo, de modo que seu lugar foi ocupado por Rachel, para todo o sempre. Pelo menos até hoje. Ou ontem à noite.

— Você é judeu? – Teresa perguntou, quando ele se propôs a pagar a conta do jantar, *por favor, você é minha convidada*. E ele brincou, depois de um segundo suspenso pelo inopinado da pergunta: — Você deveria ter perguntado isso se eu *não* quisesse pagar a conta, para ficar de acordo com o espírito do anedotário judaico! – mas ela achou uma graça apenas amarela, e ele calculou quantas vezes, em apenas quarenta e oito horas de convivência (depois de uma noite do que parecia *amor*, esse sentimento que para ele flutuava na vida entre o indecifrável e o inalcançável), Teresa picava-lhe a ansiedade. Ela era especialista em deixá-lo aflito. Às vezes bastava um pequeno gesto, e ele perdia momentaneamente o pé. *Vou colocar no meu livro, um capítulo especial: pessoas com talento para criar desconforto instantâneo. Como funciona isso? É um talento*. Não, não, ela disse, sempre sorrindo amarelo: Perguntei, nem sei por quê, é uma bobagem – e ela me olhou bem nos olhos –, pela... aparência, um certo jeito, e eu imediatamente relaxei, *Ah, o nariz adunco*, e me segurei para não fazer piada, *você poderia trabalhar com os SS* – melhor não. Durante muitos anos evitei o perfil, ele pensou em dizer: olhar sempre de frente. Era menos vaidade que desejo de recusar o pai – *cada filho tem seu método*, disse-lhe uma vez Rachel, quando ele contou a história, rindo de seu próprio ridículo: treinar no espelho o olhar frontal, olho no olho. Adolescentes são idiotas duradouros, e aos trinta anos, na conferência, ele olhava Rachel diretamente nos olhos, como que a vaciná-la contra o perigo do próprio perfil. *Sim, devo ter sido judeu há trezentos ou quinhentos anos, via Península Ibérica, convenientemente cristianizado. O sobrenome Espinhosa não engana. Mas com lábios negroides (como se dizia na ciência racial do século XIX, hoje revisitada com essa história, como se diz? – identitária) e cabelo de índio, emprestado da minha desconhecida mãe, sou um completo cardápio brasileiro. A propósito, que importância tem isso?*

(*Quase eu disse: que importância tem essa merda?, ao mesmo tempo que recuava o tronco e a cabeça, na inequívoca gramática corporal da resistência.*) Nenhuma, querido, ela respondeu imediatamente, na sua precisa técnica emocional de bater e soprar. E acrescentou um sorriso, tocando na minha mão sobre a mesa (esse toque sempre me toca, ele brincou com Rachel anos depois): Desculpe. Eu não quis... A cabeça e o tronco voltaram, mais calmos, ao ponto de inércia – o segredo da liga, o elástico sutil que os mantinha próximos, era o sexo, intensíssimo e bom, mas o preço emocional de Teresa era muito alto. Uma mulher caríssima! – e ele riu sozinho, um quarto de século depois, de volta à luz da rua. A manifestação já ia longe agora.

Parou na calçada: *organize a cabeça. Uma coisa de cada vez, nunca se esqueça*, mas, teimosamente, a cabeça voltou a 1994 e à euforia da nova moeda, mais a dupla combinação de felicidade pelo perfume de Rachel e pela ausência de Teresa, que, ele sonhou por força de uma misteriosa perversidade, chegaria atrasada à conferência a tempo de vê-lo feliz com a nova namorada, porque era exatamente nisso que Rachel estava se transformando em poucos minutos, um *para sempre* promissor. Você não é um menino qualquer, você merece o melhor, dizia-lhe o pai mais de quatro décadas antes, matriculando-o em escolas internacionais que depois não conseguia pagar, *vá aprendendo tudo, absorva o que puder, sabedoria não ocupa lugar, ninguém pode tirar de você o que você aprendeu*, e ele passou da infância à adolescência na angústia da humilhação permanente, as ameaças do pai a cada carta da direção, *Lamentamos informar que*. Esses filhos da puta estão pensando que você não tem direitos humanos?! Eles nunca ouviram falar das conquistas da Revolução Francesa? Em que século essas hienas vivem? O aluguel atrasado, as mudanças repentinas de apartamento e de cidade, os velhos carros sem documentos, tudo permanentemente *errado*. *Diga aí, meu filho, qual a raiz quadrada de 5476? Essa é fácil: 74. Meu Mozart! E querem te mandar para fora da escola!?* *Esse pessoal é criminoso. A educação das crianças é*

*sagrada. Vou processá-los.* Quantas vezes perguntavam: *O teu pai faz o quê, mesmo?* E ele respondia, bem treinado: *é empresário. Ah, que interessante! E de que ramo?* Importação & Exportação na área de aparelhos eletrônicos, como uma vez ele explicou, orgulhoso, trazendo-lhe de Puerto Stroessner, no Paraguai, um belíssimo gravador de rolo de fita marca National. Aposto que na tua escola nenhum daqueles riquinhos tem esse aparelho. Ó, veja aqui como funciona. E tem microfone. Apertando esse botãozinho vermelho, REC, JUNTO COM O DO play, o da setinha, assim, liga a gravação. Vamos gravar. *Clact!* Diga aí: quanto é 842 x 903? *Não sei.* Então, uma conta mais fácil: 32 x 17. *E ele respondia, quase ouvindo a máquina girar na cabeça: 544.* Seguia-se a manzorra desmanchando-lhe feliz os cabelos cortadinhos à Paul McCartney, *meu filho é um índio inglês. Diga alguma coisa em inglês, filho.* Como eu gostaria de ouvir essas fitas novamente – nem é por sentimentalismo, defendeu-se; é para tocar com os dedos, por assim dizer, as coisas exatas como eram, inalteradas pela sujeira da memória, a nossa voz. *Dr. Espinhosa, Importação & Exportação,* estampava o cartão de visitas em duas cores. Havia algo permanentemente *antigo* no seu pai, ou *cafona*, como ele diria para si mesmo anos mais tarde, cada gesto e entonação de uma incrível previsibilidade – foi treinando com ele, Rachel, que eu aprendi esse meu dom de oráculo emocional (como um colega me definiu), que acabou por me transformar num requisitado consultor econômico (*Otávio Espinhosa – consultoria,* dizia o cartão com o logotipo elegante da Price & Savings). Previsões precisas. Eu sempre sabia exatamente o que ele ia dizer, e de que modo, assim como durante anos eu sempre soube antecipar com boa chance de acerto a curva das commodities, da bolsa, dos juros, o vaivém do dólar, além de um incrível faro para as canetadas do governo antes que se materializassem no papel e no bolso da freguesia. *Só faltou ficar rico,* brincou Rachel. *Essa maldita ética.* Quando jovem, interessou-se por Spinoza, ambicionando ele também tornar-se parente do filósofo, como garantia o pai: *você é uma inteligência*

*com pedigree.* Comprou por impulso um volume da *Ética*, com que esbarrou na vitrine de um sebo, e foi para o apartamento com a firme decisão de estudar filosofia, a qual, nas mãos de seu velho antepassado judeu, lembrava um belíssimo jogo geométrico, e portanto matemático, *sem falhas*. As definições tão incrivelmente precisas! A partir da ideia de *substância*, o Deus que é em si e se concebe por si (e ele olhava para o alto espremendo os olhos, tentando desenhar a equação que se afirmava, *o conceito que não precisa de outro conceito do qual dependa*, como começa e termina este argumento?), chegava até a miudeza mais concreta da vida real – *a imagem do dinheiro ocupa a alma do homem vulgar o tempo todo, porque ele não pode imaginar nenhuma espécie de alegria senão pela via do dinheiro.*

Estou imerso na vulgaridade, sorriu ele, ainda indeciso entre a casa, à esquerda, e o trabalho, à direita (ou uma terceira via, sonhou ele, *uma fuga em frente, atravessar a rua para nunca mais*) – como queria demonstrar meu tataravô imaginário, o aplicado polidor de lentes. Mas rebateu a si mesmo: *Sim, mas não pelo dinheiro. Talvez eu tenha mais do meu pai do que imaginava.* Trocou rapidamente a filosofia pela economia – a inflação crescente, o esgotamento dos militares, a euforia das Diretas Já, e, é claro, a bolsa que lhe caía do céu em Harvard... E o dinheiro da bolsa é bom, meu Mozart!?, perguntou-lhe o pai, reaparecendo do nada, como se farejasse a salvação da tragédia próxima. *Eu queria me livrar do meu pai. Mas é mais fácil se livrar de um filho que de um pai*, brincou ele com Rachel já no segundo encontro, a incrível intimidade que brotava deles. Invejou a mulher naquele instante: *Já o meu pai sempre foi uma doçura*, disse Rachel. *Tenho família grande*, ela acrescentou, como se houvesse relação entre uma coisa e outra, e, de fato, quando conheceu o velho dois meses depois, concordou com Rachel: um velhinho simpático no sofá da sala com o controle remoto na mão, vendo o noticiário, *Ah, esse Itamar!...* o sotaque caipira do interior de Minas, de que Rachel herdava um resíduo (*Diga a verdade: eu tenho sotaque ainda?*, e eu arremedava, “Vou dizer a

verdade!”, puxando saborosamente os *erres*, e eles ficavam trocando “verdades” e achando graça). Em 1988, o velho vendeu tudo em Uberaba, uma fazenda e uma casa na cidade, e se transferiu para São Paulo com mulher e cinco filhos – *Chega de me matar de trabalho. Vou viver de juro, que é o melhor a fazer nesse governo sem-vergonha. Dois anos depois, o Plano Collor confiscou-lhe o dinheiro do banco – Felizmente sobraram os dois apartamentos, e a filharada, que ajuda muito. Mas sente aí, que vai começar o Jornal Nacional.* Todas as vezes que ele vinha buscar Rachel para um cinema, um passeio ou algum curso, o velho contava sempre a mesma história, enquanto a dona Luci, invariavelmente vinda da cozinha, invariavelmente reclamava: *O que a gente devia era de nunca ter saído de Uberaba. Não quer um docinho de abóbora, Otávio? Fiz hoje.* Era como se eu fosse conquistado mais pela simplicidade aparente do idílio familiar que ele jamais viveu, uma espécie de utopia rural rediviva – *Eu me sentia seguro naquela sala –*, do que pela própria Rachel, ele lembrou, tão bonita e alegre, tão intensa, tão leve aos vinte e quatro anos, e decidiu virar à direita: *Não sentimentalize. Vá ao trabalho enfrentar o que vem por aí. Uma coisa de cada vez. São cinquenta passos até o semáforo da esquina, e ele começou a contá-los.*



Demorou a atender o telefone à luz da rua, por temor de um assalto (a vaga visão de duas figuras sombrias sob um poste adiante) e por desejo de escape – boa notícia não será. Mas era: o rostinho sorridente de Lucila, os cabelos puxando para o louro, como uma deriva genética.

— Oi, filha. Estou na rua.

Interrompeu a caminhada: estava no passo 17.

— Você sempre está na rua – e ele sentiu o sorriso oculto na acusação aparente. Pequenos jogos provocativos para manter o laço afetivo apertado: *Desde que nasceu foi tua preferida, eu sei. Mas dê também um pouco de atenção ao Daniel*, dizia-lhe Rachel, com um subtom acusativo. Ele ia retrucar à filha *Alguém tem de trabalhar nesta casa*, a resposta-padrão, à qual se seguiria uma autodefesa com a linguagem da mãe, *Sou menor de idade, portanto tenho direitos constitucionais inalienáveis nesta casa* (ela gostava da palavra, que repetia com o dedo erguido, o gesto da mãe: *inalienável!*), mas desta vez adiantou-se:

— Estou sozinha, pai. Não tive aula por causa da manifestação, os padres acharam melhor dispensar todo mundo, e a mãe já foi pro escritório e disse que só volta à noite.

— E é grave?

— A mãe voltar à noite?

Ele pensou nos sentidos que se desdobravam com a pergunta e sentiu um golpe de ansiedade. Os dois vultos não estavam mais sob o poste, um ônibus próximo despejou gás carbônico em torno num arranque barulhento e ele impregnou-se de uma sensação de sujeira.

— Não. Você ficar sozinha.

Ela pegou o fio solto do que parecia um novo jogo.

— É grave. *Muito* grave – ela frisou num tom indefinido, ou antes indeciso, entre a farsa e a seriedade. — A gente tinha um trabalho de equipe pra fazer, sobre literatura, o romantismo, mas

a Adriana e a Kelly resolveram ir para a manifestação. Eu não quis ir.

— Por quê?

— Preguiça. Não, não. Brincadeira minha. É que eu acho que eu sou de direita.

— Quem disse isso?! Filha, você só tem quinze anos.

— Pai, em maio faço dezesseis anos. Já sou bem grandinha. — Era a repetição do que a mãe lhe dizia quase todos os dias, *Você já está grandinha*. — Quem que disse que eu sou de direita? O Daniel que falou. “Você é igual o pai. Uma reacionária de direita.” Só porque eu comentei que o protesto com a ocupação das escolas – mas o pai não conseguiu ouvir, sob a sirene de um carro de polícia, e quando a rua voltou ao normal seguiu-se um breve silêncio na linha, até que Lucila ressurgiu: — Pai, eu queria almoçar com você hoje. É sério.

Ele consultou o relógio. Aquilo soou inesperadamente como uma ideia maravilhosa, um breve oásis: almoçar com a filha era suspender o tempo e tudo o que vinha junto, *a inapelável corrosão dos fatos*, a frase de efeito que lhe ficou na cabeça da leitura de um velho editorial. *Desculpe, não posso hoje – tenho de almoçar com minha filha adolescente*, imaginou-se dizendo, sem sorrir, numa roda de engravatados. Não, não faça isso – pensariam em algo grave. Drogas, talvez. A menina se perdeu. Pobre Otávio. Não há escapatória. *Não seja sentimental*, eu sei disso, mas o tema poderia render um capítulo do novo livro de Kelvin Oliva, algo como *Capítulo Oitavo: Liberte-se pelo sentimento – 7 boas razões para você sentir. Ou 5? Qual número soa melhor?* Até 10, ele explicava à filha criança, canetas coloridas à mão, os números primos são exoticamente harmônicos, até simpáticos, um de cada cor, 3, 5, 7. Depois, são desajeitados, 11, 13, 17, 19 – bem, o 13 tem um certo atrativo engraçado pela vinculação ao mau agouro. *O que é agouro?*, ela perguntou. O negócio dela sempre foram antes as palavras.

— Claro que sim, filha. À uma da tarde, na frente do prédio da Price. Me dê um toque que eu desço.

Houve um lapso de silêncio. Ele pressentiu, misteriosamente, alguma coisa que ela queria dizer, ou antecipar, e estava criando coragem para dizer – e súbito ouviu:

— Pai, você vai se separar da mãe?

De onde ela tirava aquilo?! – ele parou imediatamente, suspenso no passo 31, próximo de uma banca com a manchete “Paralisação no metrô”, pensando tudo ao mesmo tempo, mas ela não esperou resposta e se despediu apressada, em outro tom, falsamente animado, como quem se arrepende:

— Vamos almoçar no Japonês? À uma hora eu chego aí.

— Filha, venha de uber porque – mas ela desligou.

Retomar os passos: um de cada vez. Não se moveu, os olhos na “Paralisação no metrô”. A figura de uma mulher bonita, de preto, atravessando a rua, trouxe-lhe Teresa à cabeça, também pelo telefone, no dia seguinte à conferência que mudou sua vida. *Ontem eu nem falei com você. Cheguei atrasada – tive de resolver umas coisas.* Todos os dias ela sempre tinha de resolver umas coisas importantíssimas, até que Rachel apareceu para preencher a lacuna, mas ele jamais lhe disse isso. Ele ouviu um suspiro e o próprio coração batendo: como despachá-la? *Eu até ia te convidar para jantar, mas você estava tão entretido com a garotinha que. É coleguinha?* Pelos diminutivos irônicos, ele sentiu o triunfo: Teresa não conseguia controlar o ressentimento, que é o desdobramento imediato do ciúme. *Mas daí encontrei o Paulo, lembra dele? O Paulo Drasi, que eu não via há anos. Uma simpatia. Ele também está no curso.* O que eu disse a ela? – esforçou-se para lembrar, como se daquilo dependesse uma informação inescapável para ele prosseguir a vida, dar um passo adiante, mas a memória era inteira unilateral, só conseguia recuperar a voz de Teresa. *A gente saiu, Otávio. Fomos jantar, depois no cinema. Você não vai dizer nada?* Não, ela não perguntou isso – seria uma derrota, a confissão de interesse, a sombra do afeto. Isso é só um desejo da minha memória. *A inapelável corrosão dos fatos.* Ela estava unicamente atrás de uma palavra que o destruísse, e mordida-se por não conseguir encontrá-la. Ao mesmo tempo, era

preciso sempre deixar *um fio solto*, de emergência, porque, afinal, eu sou um estepe de confiança – ela só disse um neutro e indiferente “A gente se fala amanhã” e desligou abrupta, *para meu alívio. Livre*. Fone na mão, ele ficou ouvindo o *tu-tu-tu-tu* enquanto desenrolava o grosso fio preto que estava uma maçaroca torcida e viva. *Era do meu pai esse aparelho dos anos 50, uma preciosidade, e quase que eu joga fora*, ele sempre dizia aos que o visitavam, uma fixação afetiva pelo objeto. *Pesa uma tonelada, sinte o fone na mão, parece pedra. No Mercado Livre vale uma fortuna*. Só se viram de novo anos depois, e daí já eram outras pessoas, todas as variáveis modificadas – como o universo é curvo, e o número de pessoas conhecidas é sempre bastante limitado, acontecem reencontros fortuitos no tempo e no espaço, como aquele, acidental, à custa de bebida e, logo depois, de um remorso pesado, que agora lhe parecia leve, pura imagem na memória, quase um tranquilo corredor de escape: Teresa nua, desmanchando a máscara de indiferença e agarrando-o com o desespero *de uma puta*, ele então pensou, com uma alegria agressiva, *dilacerando-a pelo sexo*, imaginava ele, a penetração num crescendo de violência (eu gostava da curva das costelas, a resistência macia aos meus dedos logo abaixo dos seios que haviam sido firmes), *esmagá-la*, e quando terminaram, exaustos, *a purificação pelo suor*, ele pensou ouvir – aquilo foi também, ou principalmente, um desejo de agressão, a brutalidade que parecia agradá-la, que a agradava, e ele sentiu um prazer *primata*, o punho no peito, a mulher debaixo dele, e feliz, imagina ele, de olhos fechados, esquecida de si mesma, a respiração pouco a pouco voltando ao ritmo do mundo, ambos acordam – e ele parou no semáforo, bonequinho vermelho, passo número 73, *eu me atropeliei*. Por que estou lembrando aquilo? *Cara*, disse-lhe o amigo, *isso é clássico, desde que o mundo é mundo: a mulher grávida e você pula a cerca!* E eles riram.

*O Otávio é gelado.* Olhos no bonequinho vermelho do semáforo, ele relia mentalmente a mensagem de Rachel, o monitor do notebook iluminado na madrugada escura como o recado de um ET. Na roda de amigos, um mês depois da conferência que mudou sua vida – ele gostava de brincar, *não foi pela nova moeda; foi pela nova mulher*, e ela invariavelmente perguntava com um sorriso, *quem é a antiga?!*, mas ambos, de comum acordo, *não tinham vidas passadas*, o que ele achava uma hipótese interessantíssima de convivência: *você não me pergunta nada, e eu não pergunto nada a você. O que você acha? Escrevemos uma página em branco.* E ele disse: *eu prefiro números. Escrever uma equação.* Mas a vida é paixão, ela disse, *um lugar comum de que ninguém escapa*, e ele brincou, como quem conspirasse contra o brutal sentimento amoroso que lhe brotava de cada centímetro do rosto de Rachel, da pele e da alma, do calor e da voz, da simples proximidade, o “campo magnético”, como ele disse uma vez, “eu amo o teu campo magnético”. *A vida é paixão*, ela repetiu. *Bem, como dizia meu parente Spinoza, não há paixão da qual não possamos formar um conceito claro e distinto. Uma equação.* E ela sorriu, fazendo graça: *Seu parente?! Você disse que não tinha passado.* E eles se beijaram.

— Pai, por que você nunca lê romances? – e ele como que acordou da crise da empresa, o choque daquela manhã quando ele ainda estava otimista com a recuperação da Ibovespa e o dólar mantendo a linha-d’água em meio a Trump, incertezas da Previdência, a eterna crise política, crise dos frigoríficos, crise de exportações, *e a minha própria crise, preciso de tempo para decidir o que fazer, e pensando de repente no encontro com a Débora*, que a cada minuto lhe parecia mais interessante e interessada: — *Preciso falar com você*, ela disse. — *Com alguma urgência. Tenho de pegar uma coisa em casa, que esqueci. Que tal à tarde?* – e discretamente, como uma amiga de infância ou uma esposa

tranquila, ajeitou-lhe a gravata, o sorriso prometendo alguma surpresa misteriosa. — *Você vai sair agora para almoçar?*

— Romances?! – Sorriu para a filha que empunhava os hashis, *o nome é hashi, pai*, as varetinhas japonesas. *É assim que se segura! Você não quer mesmo aprender? É meio ridículo você vir a um restaurante japonês e pedir garfo e faca como se fosse um selvagem. Vou querer um tepannyaki. Você sabia que “teppan” quer dizer prato de ferro e “yaki” significa grelhado? Descobri na Wikipédia.*

Ele ia responder automaticamente “não tenho tempo para ler romances”, mas desistiu da mentira, que além de tudo seria tão grosseira com a filha que sentiu uma golfada de ansiedade pela simples ideia, *minha filha é uma porcelana. Vá com cuidado. Melhor dizer a verdade: Por que são inventados, Lucila. Só a realidade me interessa.* Mas também não seria uma boa resposta; apenas um erro conceitual e um desestímulo estúpido, que seria também agressivo com a mulher (melhor: *agressivo com a mãe de Lucila*). Rachel havia sido uma leitora voraz de romances, e gostava de recontá-los a ele com duas ou três frases: *É a história de um sujeito que não chorou no enterro da mãe, então matou um árabe talvez por acaso e foi condenado à morte sem aceitar a absolvição do padre. Ou: É a história de um oficial da marinha inglesa que covardemente abandona um navio de passageiros, que aliás se salvam. O oficial passa o resto da vida tentando se recuperar moralmente, e no final do livro vive um segundo grande teste para sua honra.* Diante da sobancelha erguida do marido, ela parou, fez suspense, olhou para ele, sorriu, e completou: *Como eu sei que você jamais vai ler o livro, conto o final: o oficial fracassa pela segunda vez.* Ele ficou intrigado e sentiu um desejo momentâneo de ler esse romance, um sentimento raro, mas esqueceu em seguida. Só a ideia – o duplo fracasso – que restou na cabeça dele: de onde vem tanta exigência? Eu estou cansado. Agora, diante da filha, lembrou do pai, que lhe estendeu o livrão poucos meses antes de morrer, com o poder da sua perpétua chantagem emocional, o teatro paterno, o tom dramático de fancaria, ele embarcando para Harvard e para a independência: Crime e